



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

ANA MARIA GABRIELA DA SILVA

**EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DO ROMANCE
AUTOBIOGRÁFICO *AS INSEPARÁVEIS* DE SIMONE DE BEAUVOIR**

**GUARABIRA
2023**

ANA MARIA GABRIELA DA SILVA

EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DO ROMANCE
AUTOBIOGRÁFICO *AS INSEPARÁVEIS* DE SIMONE DE BEAUVOIR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura Feminina e
estudos de gênero.

Orientador: Prof. Dr. José Vilian Mangueira

GUARABIRA
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Ana Maria Gabriela da.
Emancipação feminina no século XX [manuscrito] : uma análise do romance autobiográfico as inseparáveis de Simone de Beauvoir / Ana Maria Gabriela da Silva. - 2023.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguiera, Departamento de Letras - CH. "

1. Emancipação feminina. 2. Simone de Beauvoir. 3. autobiografia. I. Título

21. ed. CDD 420

ANA MARIA GABRIELA DA SILVA

EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *AS INSEPARÁVEIS* DE SIMONE DE BEAUVOIR.

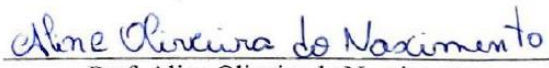
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

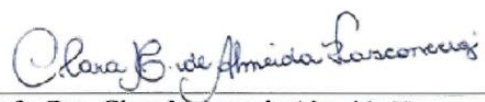
Área de concentração: Literatura feminina e estudos de gênero.

Aprovada em: 19/10/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Vilian Manguêira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Clara Máryara de Almeida Vasconcelos
Universidade de Pernambuco (UPE)

“Você pensa que a sua dor e sofrimento não tem precedentes na história da humanidade, mas aí você lê. Os livros me ensinaram que as coisas que me atormentavam eram as mesmas que me conectavam com as pessoas que estiveram vivas. É somente enfrentando essas feridas abertas em nós mesmos que podemos compreendê-las em outras pessoas” (Baldwin, 1963, p. 89, tradução nossa)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	<i>AS INSEPARÁVEIS: SIMONE DE BEAUVOIR E A ETERNIZAÇÃO DE ZAZA</i>	06
3	EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XX E A SOMBRA DO ANJO DO LAR: RAZÕES QUE IMPEDIRAM ANDRÉE DE ALCANÇAR SUA EMANCIPAÇÃO	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	17

EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DO ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO *AS INSEPARÁVEIS* DE SIMONE DE BEAUVOIR.

Ana Maria Gabriela da Silva¹

RESUMO

O presente artigo é uma análise do romance autobiográfico de Simone de Beauvoir *As Inseparáveis*, tendo como principal enfoque a emancipação feminina e a posição social das mulheres no século XX. A análise desenvolveu-se a partir de leituras acerca dos direitos das mulheres adquiridos no século XX, utilizando as observações de Hobsbawm (2012); e sobre as características presentes em romances autobiográficos, tendo Foucault (2002) como aporte teórico no que se refere a escrita de si, bem como Pillar (2021) e Calado (2012) para discutir sobre a autobiografia em obras de Simone de Beauvoir. Além disso, contamos com as contribuições de Bonnet (2021) e Souza, Câmara e Morais (2023) no que se refere à análise do romance em questão. A pesquisa ainda utilizou o dicionário de crítica feminista para conceituar os termos aludidos durante o texto, assim como o conceito de Anjo do lar presente na obra de Woolf (2014). Ao longo da análise, entendemos que a escrita autobiográfica de Simone de Beauvoir revela vertentes da emancipação feminina que foram ignoradas socialmente, como o resgate das vivências de uma mulher silenciada, atribuindo-lhe voz através da literatura. Apesar de ser uma tentativa de recuperar a memória de uma amiga querida, *As inseparáveis* dá voz a uma mulher que viveu à sombra da construção social identificada com "Anjo do lar", que não permitiu a emancipação do feminino graças à opressão de sua época. Como construto ficcional, o romance de Beauvoir abriu caminho para a discussão acerca da literatura como forma de denúncia social.

Palavras-chave: Emancipação feminina, Simone de Beauvoir, autobiografia.

¹ Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e-mail: anaamgabriela02@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Publicado oficialmente pela primeira vez em outubro de 2020 pela filha adotiva da autora, *As Inseparáveis* de Simone de Beauvoir é um romance autobiográfico originalmente escrito em 1954. Narrado por Sylvie, a narrativa conta a história de duas amigas que se tornam, como sugere o título, inseparáveis na infância. Apesar da mudança nos nomes das personagens, *As inseparáveis* possui características autobiográficas por relatar as memórias reais de Beauvoir com sua melhor amiga Zaza, anteriormente apresentada no livro *Memórias de uma moça bem comportada*. A razão pela qual a autora resgata novamente a memória de sua amiga em um novo romance, segundo Sylvie Le Bon de Beauvoir no prefácio da 4ª edição, publicada em 2021, é o fato de que ela não conseguiu superar a morte precoce de Zaza, e, em toda oportunidade que possuía, escrevia sobre sua amizade e o trágico fim da amiga.

Sabendo da importância da publicação dessa obra para os estudos feministas, a presente pesquisa busca analisar o romance inicialmente em seu caráter autobiográfico, aludindo às considerações de Michel Foucault em *A escrita de si* (2002) para compreender como as primeiras autobiografias se caracterizavam. A partir disso, será discutido, com o aporte das discussões de Eduarda Pillar (2021), sobre como a função da autobiografia se transformou com o passar do tempo. Além disso, usaremos as discussões de Calado (2012) sobre a forte presença da autobiografia nas obras de Simone de Beauvoir, tendo o enfoque em seu romance mais recente, *As inseparáveis*.

Em seguida, o nosso trabalho propõe reflexões acerca dos conceitos de Emancipação, definidos pelo *Dicionário de termos feministas* (2005), e de Posição feminina no século XX, período em que o romance foi escrito, utilizando as observações de Souza, Câmara e Moraes (2023). Além disso, destacamos as considerações de Eric Hobsbawm (2012) acerca do papel feminino durante tal contexto histórico. Por fim, nosso texto ainda trará a figura do Anjo do Lar, fruto das reflexões presentes em dois ensaios de Virginia Woolf, para analisar os possíveis motivos pelos quais Andrée, a inseparável de Sylvie, não conseguiu sua emancipação.

Ao longo da análise, destacaremos que o romance de Beauvoir conseguiu não apenas preservar a memória de uma amiga querida, mas também proporcionou discussões relevantes acerca dos desafios que as mulheres do século XX enfrentaram para conseguirem se emancipar. Dificuldades como a opressão religiosa sofrida por Andrée e a falta de um lugar particular para ela desenvolver seus talentos são os principais motivos que a fizeram adoecer tanto fisicamente como psicologicamente, culminando na perda de sua liberdade e, conseqüentemente, sua morte precoce. De modo geral, nossa análise justifica-se por abrir discussões válidas acerca de como mulheres silenciadas socialmente podem ser resgatadas através de um construto narrativo, além de reforçar que a literatura possui função de escape, mas também permite que uma voz feminina critique e denuncie as hipocrisias da sociedade em que se insere.

2 AS INSEPARÁVEIS: SIMONE DE BEAUVOIR E A ETERNIZAÇÃO DE ZAZA

Escritora, feminista, filósofa e ativista política, Simone de Beauvoir contribuiu assiduamente para os estudos de movimentos feministas com o livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949 e que veio a ser sua obra mais conhecida e influente. No entanto, em meados de 2020, a comunidade literária foi surpreendida com o lançamento do romance *As Inseparáveis*. A obra, que originalmente teria o enredo baseado nos escritos de Beauvoir em *Memórias de uma menina bem comportada*, teve seu lançamento oficial cerca de 70 anos após ter sido escrito. Segundo Sylvie Le Bon, filha adotiva de Beauvoir, o romance seria uma luta contra o esquecimento, contra a morte de Elizabeth Lacoïn, sempre referida como Zaza, melhor amiga de infância de Simone de Beauvoir (Beauvoir, 2021).

Segundo Bonnet (2023) a morte prematura de Zaza tornou-se um tormento para Beauvoir, que, por sua vez, encontrou através da literatura uma forma de celebrar a vida de sua amiga. Nas palavras da pesquisadora:

O livro apresenta, nesse sentido, um caráter indubitavelmente terapêutico: trata-se de se despedir da amiga, entender o que ocorreu com seu destino, e também se perdoar por não ter conseguido intervir no seu adoecimento. A autora recorre, para isso, e como lhe é de costume, à forma romance, a qual combina elementos biográficos, crítica social e pensamento filosófico (Bonnet, 2023, p. 3).

Ao escolher transformar a história de vida e morte de Zaza em um romance autobiográfico Simone de Beauvoir procedeu algumas mudanças em relação aos fatos reais. Ao destacar tal fato, Sylvie Le Bon comenta no prefácio sobre como foram feitas as escolhas sobre nomes de personagens, lugares e espaços em que o romance iria se desenvolver. De acordo com ela:

A escolha da ficção implicava diversas transposições e modificações que devem ser decifradas. Os nomes próprios de personagens e lugares e as situações familiares diferem da realidade. Andrée Gallard ocupa o lugar de Élisabeth Lacoïn, e Sylvie Lepage, o de Simone de Beauvoir. A família Gallard (Mabille em Memórias de uma moça bem comportada) tem sete filhos, dos quais um único varão; entre os Lacoïns, eram nove vivos, seis meninas e três meninos. Simone de Beauvoir só tinha uma irmã, Sylvie tem duas. [...] Pascal Blondel serve de máscara para Maurice Marleau-Ponty (Beauvoir, 2021, p. 7).

Além dos nomes próprios dos personagens, entre outros elementos que foram modificados no romance, se destacam os lugares onde maior parte da narrativa se desenvolve. Meyrignac acaba se transformando em Sadernac, propriedade da família Lepage e cenário em que Sylvie passa suas férias. Do mesmo modo, Gagnepan se torna Béthary, uma das duas residências dos Gallards, família de Andrée, em Landes, a qual Sylvie visita mais de uma vez para encontrar-se com Andrée. Ainda no romance, a casa das Santenay, temida por Andrée, se revela nos documentos iconográficos² como na verdade uma propriedade dos Lacoïn, o castelo Haubardin. Segundo Le Bon, visando criar uma ponte entre realidade e ficção, a escolha do nome do romance surgiu a partir de um apelido que as professoras do colégio Adélaïde deram a Simone e Zaza, as inseparáveis (Beauvoir, 2021, p. 8).

Por estar inserido em um contexto da Primeira Guerra Mundial, alguns acontecimentos desse período interferem diretamente na narrativa e se tornam presentes em cenas do romance. Por exemplo, no início do primeiro capítulo, Sylvie — a narradora — conta sobre o impacto que a guerra teve em seu comportamento, assim como informa ao leitor acerca da designação de seu pai para o Ministério da Guerra. A narradora também descreve desde mudanças na alimentação — sinal de que sua família sofreu uma perda financeira — até suspensões de aulas devido a ataques de bombas e da grande Bertha³. No entanto, não sendo informações relevantes para o desenvolvimento da relação entre as inseparáveis, a narradora, de acordo com Souza, Câmara e Morais (2023), se abstém de seus pensamentos pessoais mais profundos para que o foco seja voltado para a vida de Andrée. Segundo as autoras:

² **Documentos iconográficos:**

³ **Grande Bertha:** A Grande Bertha mais famosa (acima) – apesar dos nomes oficiais de Peça de Artilharia do Imperador Guilherme ou Canhão de Paris – foi um enorme canhão, também transportado em caminho-de-ferro, que foi concebido para atingir Paris a partir das posições alemãs que, quando entrou ao serviço a partir de Março de 1918, com um alcance superior a 120 Km, causou um devastador efeito psicológico junto da população parisiense (Teixeira, 2008, n.p.).

No presente romance, o papel de Sylvie consiste em nos fazer compreender a história de Andrée. Poucas são as lembranças de Sylvie representadas no enredo; portanto, nada se sabe sobre sua vida ou sobre suas lutas pessoais, sobre sua emancipação e, sobretudo, a respeito do antagonismo fundamental entre intelectuais transformadores e antigos e arraigados conservadores na França de seu momento (Souza; Câmara; Morais, 2023, p. 106).

Levando isso em consideração, a narrativa possui fluxo cronológico, tendo seu início e fim marcados pela idade das personagens. Desse modo, o romance é iniciado quando Sylvie e Andrée possuem nove anos de idade, e tem seu encerramento antes de Andrée chegar a completar seus vinte e dois anos.

Dividido em dois capítulos, enquanto narra a infância, adolescência e início da vida adulta das personagens, o texto mostra que os espaços em que a história se desenvolve mudam conforme as necessidades das personagens principais. Durante o primeiro capítulo, a narrativa acompanha a infância e adolescência de Sylvie e Andrée, por isso a maior parte do capítulo se passa no colégio em que as personagens se conhecem e se tornam inseparáveis. Ao descrever as personagens durante a parte inicial do romance, Souza, Câmara e Morais (2023) explicitam que:

Sylvie e Andrée se conhecem aos nove anos, no colégio Desir, numa Paris em meio à Primeira Guerra Mundial. Andrée é representada no romance como impertinente, divertida e audaciosa, enquanto Sylvie, mais tradicional e contida, logo se sente irremediavelmente atraída pela amiga. Entrementes, por trás da postura rebelde, Andrée lida com uma família católica fervorosa e patriarcal que, com suas convicções assaz rígidas e um ambiente opressor, está disposta a esmagar qualquer expressão de subjetividade ou de volição individual (p. 96).

No entanto, além do colégio, a narradora também descreveu suas experiências em Saderneq, propriedade da família de Sylvie. As casas das personagens também são espaços usados para aproximá-las ainda mais, além de possibilitar ao leitor comparações acerca das diferenças culturais presentes nas duas famílias. Dado o contexto de guerra, Souza, Câmara e Morais (2023) destacam que o declínio financeiro de algumas famílias corroborou para que existisse uma quebra da tradição ao permitir que as mulheres tivessem acesso a universidades e terem oportunidades para trabalhar; no entanto, essa atitude ainda era desaprovada por muitos conservadores da época. Segundo as autoras:

[...] a preparação das meninas/filhas para uma profissão era um sinal patente de derrota, já que se estimava que as mulheres nobres e burguesas não deveriam trabalhar, mas sim terem um papel de transmissoras do patrimônio familiar, de administradoras de suas casas e de representantes do seu meio nos encontros sociais (Souza; Câmara; Morais, 2023, p.100).

Sendo assim, no romance essa diferença entre a família tradicional e a liberalista pode ser vista claramente através das atitudes dos Lepage, família de Sylvie, e dos Gallard, família de Andrée. Enquanto os Lepage se tornaram mais liberais pelas dificuldades financeiras que enfrentam por causa da guerra, incentivando suas filhas a estudarem para trabalhar, os Gallard ainda faziam parte da elite católica da época, extremamente patriarcal e machista, isso explica o porquê dos pais de Andrée não verem com bons olhos a amizade sua amizade com Sylvie.

Ainda no primeiro capítulo, Bernard, um namorado de infância, é apresentado e a desaprovação da união por parte de seus pais causa profunda tristeza em Andrée. Para tirar um pouco a tristeza da filha, os Gallard então recorrem a Sylvie para que Andrée se distraia com a amiga e esqueça do episódio. A partir desse momento, as inseparáveis passam a ter conversas

profundas acerca da vida e da religiosidade, inclusive sobre a perda da fé. Enquanto Andrée ainda via a religião como uma forma de suportar a vida, Sylvie já não acreditava mais em Deus.

O segundo capítulo do romance é marcado pelo fim da adolescência e início da vida adulta das personagens, após prestarem o exame *baccalauréat*⁴, Sylvie opta pelo curso de Filosofia, enquanto Andrée escolhe Letras. Nessa segunda parte, se torna nítida a maneira que a família Gallard oprime o pensamento de Andrée, que, apesar de ser descrita no início do romance como uma menina ousada e espontânea, sofre em casa com a solidão, falta de privacidade, proibição e punição de seus pais. Nas palavras de Souza, Câmara e Morais (2023):

Apesar de ser uma excelente aluna de Letras na Universidade de Sorbonne, [...] quase nunca conseguia estudar, pois constantemente precisava cuidar dos seus irmãos e receber em casa os convidados da família socialmente bem aquinhoadas que tinha fazeres que tomavam todo o seu tempo. Mantê-la ocupada era uma estratégia que os pais haviam encontrado para mantê-la sempre longe das influências de Simone (Sylvie) (p. 104).

Durante as experiências na universidade, Pascal Blondel é introduzido como amigo de Sylvie, que logo se aproxima de Andrée e tem papel importante para o desenvolvimento do romance. A aproximação de Pascal se torna uma esperança para Andrée, que passa a ver o casamento como uma alternativa para sair da casa de seus pais e finalmente ter sua liberdade. Após tanto desgaste emocional e as tentativas frustradas de um noivado com Pascal, Andrée contrai uma doença que acaba deixando-a bastante debilitada e, posteriormente, se torna a causa de sua morte.

Ao narrar a morte da amiga, Sylvie explicita que Andrée morreu “sufocada por aquela brancura” (Beauvoir, 2021, p. 127), em uma clara referência à pressão familiar e religiosa que ela enfrentou durante toda a sua vida. Segundo Lebon (2021), no prefácio da obra, a morte de Zaza (Andrée) foi dada cientificamente por complicações de encefalite viral⁵. No final do livro *Memórias de uma moça-bem comportada*, o falecimento dela é descrito de forma semelhante:

Os médicos falaram de meningite, de encefalite, nada se soube ao certo. Tratava-se de uma doença contagiosa, de um acidente? Ou Zaza sucumbira a um excesso de fadiga e de angústia? Muitas vezes à noite ela me apareceu, toda amarela sob o chapeuzinho cor-de-rosa, e me olhava com reprovação. Juntas havíamos lutado contra o destino abjeto que nos espreitava, e pensei durante muito tempo que pagara minha liberdade com a sua morte (Beauvoir, 2009, p. 358).

Com tais informações, é possível afirmar que Andrée (Zaza) morreu duas vezes. A primeira, provocada por uma doença, mas sem um diagnóstico preciso segundo os médicos da época; enquanto a segunda, é considerada por Lebon como um assassinato, um crime espiritualista:

Na burguesia católica em que nasceu [...] o dever de uma filha consistia em se esquecer, renunciar a si mesma, adaptar-se. Por ser excepcional, Zaza não conseguiu adaptar-se – termo sinistro que significa se encaixar em um molde pré-fabricado em que nos espera um alvéolo entre outros alvéolos: o que transborda será comprimido, esmagado, jogado fora como objeto. Zaza não conseguiu se encaixar, sua singularidade foi moída. Nisso está o crime, o assassinato (Lebon, 2020, p. 8).

Levando em consideração o papel de Sylvie como a narradora dos desafios e opressões enfrentados por Andrée, é possível analisar essa relação entre narrador-personagem e

⁴ **Baccalauréat:** Exame que permite o acesso às universidades (Souza; Câmara; Morais, 2023, p. 100).

⁵ **Encefalite viral:** A encefalite é definida pela inflamação do parênquima cerebral com disfunção neurológica resultante que pode ser causada por infecção ou autoimunidade (Costa; Sato, 2020).

personagem como uma *compreensão simpática*. Em estética da criação verbal, Bakhtin (2003), apresenta o conceito de compreensão simpática, denominando-o como um ativismo que vem de fora e visa o mundo interior do outro. É relevante destacar que a compreensão não se propõe a representar de forma exata e passiva, nem a duplicar as vivências de outro indivíduo, mas sim transferir essas vivências para um plano distinto, para uma categoria em que possam ser discutidos os valores morais e étnicos dos acontecimentos transferidos, valorizando e desenvolvendo a narrativa. De acordo com Bakhtin (2003):

O sofrimento do outro, vivenciado empaticamente, é uma formação inteiramente nova, só realizável por mim do meu lugar único interiormente fora do outro. A compreensão simpática não é uma representação, mas uma valorização essencialmente nova, um emprego de minha posição arquitetônica na existência fora da vida interior do outro (p. 94).

Desse modo, Sylvie narra o sofrimento de Andrée de forma empática para que os valores éticos e morais da época sejam questionados, para que a história trágica de sua amiga não seja esquecida, nem amenizada. Por fim, o papel de Sylvie ao contar a trajetória de Andrée vai além do que apenas registrar um pensamento. A narradora denuncia uma sociedade patriarcal responsável por silenciar mulheres que não conseguiam se “encaixar”.

Explicitado em seu prefácio, o romance *As inseparáveis* possui caráter autobiográfico por ser uma tentativa de manter viva a memória de Elizabeth (Zaza), melhor amiga de Simone de Beauvoir, cobrindo um trajeto que vai de sua infância até os primeiros anos da vida adulta. Logo, para compreendermos com clareza os elementos que caracterizam um romance autobiográfico, se faz necessário, antes de tudo, analisarmos o surgimento dessas narrativas.

No texto *A escrita de si*, de Michael Foucault, somos apresentados ao conceito de escrita etopoética, podendo ser definida como a materialização da memória, carregada de informações acerca do pensamento humano. A escrita de si, ou etopoética, surge através de documentos dos séculos I e II, estabelecendo-se em duas formas, chamadas *hypomnemata*⁶ e correspondência (Foucault, 2002). A principal característica da *hypomnemata* é seu uso diário, esses escritos eram feitos para serem constantemente consultados, lidos, relidos e usados para reflexão pessoal. Segundo o texto, “a escrita dos *hypomnemata* opõe-se a essa dispersão ao fixar os elementos adquiridos e ao construir, de certo modo, um passado o qual podemos sempre regressar e recolher-nos” (Foucault, 2002, p. 140).

É possível relacionar essa necessidade de manter escrito um passado que pode ser consultado e revivido, explicitado por Foucault, diretamente com a proposta de Simone de Beauvoir em *As inseparáveis*. A autora escreveu sobre sua melhor amiga em toda oportunidade que possuía para que suas memórias pudessem ser lidas e relidas a qualquer hora do dia, inclusive as principais cartas trocadas por elas estão inseridas no romance na sessão de documentos iconográficos, compilado de cartas e fotos que documentaram a amizade das inseparáveis.

Quanto à correspondência, Foucault destaca que o texto, mesmo sendo destinado a outrem, ainda proporciona um exercício de escrita pessoal. No que tange ao texto em questão, a correspondência se faz presente durante toda a narrativa, pois as cartas compartilhadas por Sylvie e Andrée eram confissões pessoais, verdades omitidas do mundo exterior, mas que, através da escrita, conseguiam comunicar suas dores e alegrias, uma para com a outra.

Considerando o fato de que as noções de escrita de si nos séculos I e II possuíam caráter transcendental, a partir do Renascimento e da Reforma Protestante, esse tipo de escrita passa a ser uma busca pela imortalidade do ser humano (a eternização de um ente querido ou de si

⁶ **Hypomnemata:** Livros de contabilidade, registros, cadernos pessoais que serviam de agenda. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, ações testemunhadas, relatos ouvidos e registrados, qualquer acontecimento vindo à memória (Foucault, 2002, p.134).

mesmo, por exemplo), para construção de uma verdade (Pillar, 2021). Sendo assim, o romance em questão é autobiográfico pois propõe eternizar a memória de uma amiga querida, usando artifícios ficcionais para narrar acontecimentos reais vividos pelas personagens principais. A narradora, Sylvie, tira o foco de si para construir uma narrativa cujo o centro seja a pressão religiosa e patriarcal que Andrée sofreu durante a infância, adolescência e início da vida adulta.

A estudiosa Eliana Alda de Freitas Calado, em sua tese *Autobiografias de Simone de Beauvoir: Sujeito, Identidade e Alteridade* (2012), destaca a questão da verdade autobiográfica nos escritos de Beauvoir. Segundo ela, Beauvoir possuía certa preocupação com a verdade em seus escritos; no entanto, era uma preocupação com a sua verdade subjetiva, mais especificamente. Quanto a esse aspecto, a autora destaca que:

O autobiógrafo nunca conseguirá atingir a verdade porque ela não é definitiva, nem absoluta. A única verdade que se pode encontrar é a do autor. Isto não significa que a autobiografia não contenha inexatidões, que ela não possa, em alguns momentos, até mesmo se mostrar tendenciosa ou fazer relatos equivocados (Calado, 2012, p. 38).

Sendo assim, Beauvoir se preocupou em manter sua verdade pessoal, não necessariamente uma verdade absoluta, de senso comum. Por amar sua melhor amiga, o que importava para autora era manter essa ideia de que Zaza (Andrée) merecia mais: um final feliz. E para isso, usando a narrativa, Beauvoir deu ênfase em certo acontecimento para convencer o leitor do real sofrimento de sua amiga. Em determinada cena do romance, existe uma hipótese que pode exemplificar a situação supracitada, em que a verdade do autor pode ser de certo modo tendenciosa. Gabriella Bosco (2023), em um artigo para a revista *Studi Francesi*, chama a atenção para um interessante erro de leitura em uma das cenas mais impactantes do romance analisado. Durante certo momento, Andrée se vê sufocada com o fato de ter que comparecer à residência das Santenay, lugar onde seus pais provavelmente tentariam buscar um potencial casamento arranjado para ela. Com isso em mente, temendo uma possível discussão com sua mãe, Andrée faz uma escolha dramática e perigosa, corta seu próprio pé com um machado para se ver livre da obrigação de visitar o lugar que tanto a apavora. A seguir, a narração exata de Sylvie na cena citada:

Corri para o depósito de lenha. A senhora Gallard estava inclinada sobre ela; Andrée jazia sobre a serragem, de olhos fechados, um pé ensanguentado; o gume do machado estava manchado de vermelho. [...] – O machado escapou da minha mão! – murmurou. – O osso não foi afetado – disse Malou. – É um corte fundo, mas o osso não foi afetado (Beauvoir, 2021, p. 101).

Segundo Bosco (2023), existe nessa passagem um erro de leitura. A autora destaca que toda a construção da cena tem o objetivo de demonstrar a coragem e determinação de Andrée dada a situação. Bosco argumenta que o erro de leitura estaria na palavra *machado*, segundo ela, na carta original presente nos documentos iconográficos do romance, Andrée na verdade teria usado uma ferramenta menor para ferir-se. Na carta original, a palavra francesa *bêche*⁷ teria sido trocada por *heche*⁸ no romance (Bosco, 2023).

A autora destaca que o acento circunflexo na palavra *bêche* descartaria a hipótese de um mal-entendido por conta da caligrafia, mas a depender de situações específicas, caso a carta tivesse sido escrita com pressa ou até por falta de atenção, a falta de acento pode ter passado despercebida e desencadeou em uma má interpretação (Bosco, 2023).

⁷ **Bêche:** Ferramenta de jardinagem que possui lâmina larga e cabo para segurar, geralmente usado para cavar (Cambridge dictionary. Tradução nossa.).

⁸ **Heche:** Machado (Bosco, 2023).

É de fato uma hipótese interessante acerca da mudança de termo no romance; no entanto, também existe a possibilidade desse erro de leitura ter sido intencional, pois o ato de escolher uma ferramenta maior para Andrée ferir-se pode ter sido para dar ênfase no desespero que a personagem sentiu no momento. A pressão da família, a falta de tempo para dedicar-se aos estudos e ao que lhe dava alegria, tocar violino, todas essas emoções juntas culminaram em uma decisão desesperada no momento.

Neste caso, mudar o tamanho da ferramenta cortante serviu como combustível para chocar o leitor, para materializar o sofrimento interno da personagem. Dado o fato de que o romance é considerado autobiográfico com elementos ficcionais, Beauvoir teve a liberdade de expressar a vivência de Zaza de acordo com sua verdade subjetiva. E, por meio da compreensão simpática anteriormente supracitada, conseguiu graças ao construto narrativo de Sylvie, transferir o sentimento de Andrée para uma ação física que denota o limite de sua dor.

Assim, entendemos que o caráter autobiográfico presente em *As inseparáveis* serviu ao seu propósito de eternizar a figura de Zaza através de Andrée, sob a ótica de Sylvie, ganhou voz e espaço para denunciar os abusos provocados por uma sociedade machista e patriarcal.

3 EMANCIPAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XX E A SOMBRA DO ANJO DO LAR: RAZÕES QUE IMPEDIRAM ANDRÉE DE ALCANÇAR SUA EMANCIPAÇÃO.

Para que possamos compreender melhor qual era a posição da mulher em meados do século XX, Souza, Câmara e Morais (2023) contextualizam as mulheres e suas funções durante as duas guerras mundiais, período histórico em que o romance *As inseparáveis* é ambientado. De acordo com as autoras, muitas conquistas foram obtidas após as campanhas sufragistas, tais como o direito não somente de eleger, mas também o de serem eleitas.

É interessante destacar que, de acordo com o *Dicionário da crítica feminista*, a palavra emancipação é automaticamente ligada ao termo sufragismo, usado para descrever o movimento das mulheres para a obtenção do direito ao voto (Amaral; Macedo, 2005). Sendo assim, a emancipação feminina se dá a partir da garantia dos direitos das mulheres, tendo destaque no direito de trabalhar para obter o próprio sustento. Segundo Souza, Câmara e Morais (2023):

À luz da historiadora Thébaud (1995), para as mulheres, a I e II Guerras Mundiais constituíram-se em uma experiência de liberdade e de responsabilidade sem precedentes. Contudo, segundo a mesma autora, nos momentos posteriores à II Guerra Mundial especificamente, tinha chegado o momento de ceder aos homens os lugares por elas conquistados e que antes pertencera a eles exclusivamente. Rotuladas de oportunistas e, muitas vezes, de incapazes, foram convidadas a regressar ao lar e às tarefas femininas em detrimento dos antigos combatentes e em prol da reconstrução nacional. Umas resistiram, outras aceitaram. A desmobilização feminina foi, em termos gerais, rápida e brutal, particularmente para as operárias de guerra, as primeiras a serem despedidas (p. 97).

Hobsbawm (2012) afirma que durante o final do século XIX e início do século XX, a democratização da política, assim como os direitos e oportunidades iguais para as mulheres já estavam implicitamente inseridos na ideologia da burguesia liberal, por mais inapropriado que parecesse ser para os patriarcas. Ademais, de acordo com o autor, os homens da burguesia passaram a engajar-se em atividades culturais, antes apenas destinadas às mulheres da família. A emancipação das mulheres trouxe vantagens para as diversas esferas sociais, nas palavras de Hobsbawm (2012):

Além disso, certo grau de emancipação feminina era, provavelmente, necessário para os pais da classe média, pois nem todas as famílias dessa classe e praticamente

nenhuma da classe média baixa era, sob qualquer aspecto, suficientemente rica para manter suas filhas com todo o conforto, quando elas não casavam nem trabalhavam. Isto talvez explique o entusiasmo de tantos homens da classe média (que jamais admitiram mulheres em seus clubes e associações profissionais) pela educação de suas filhas, no sentido de elas alcançarem uma certa independência. De igual modo, não há nenhuma razão para se duvidar das genuínas convicções dos pais liberais, nesses assuntos (p. 180).

No romance, Sylvie está inserida na classe média, isso fica evidente quando o texto destaca que, após sua família sofrer uma perda financeira devido a guerra, os pais da narradora incentivam as filhas a seguirem uma carreira profissional para que elas pudessem conseguir sua independência, assim como diminuïrem as despesas da casa. Apesar da nova perspectiva de um futuro profissional, a realidade de Sylvie sofre mudanças dado o declínio nas finanças da família. Assim, dentre as modificações descritas pela narradora, é destacada a substituição de alimentos em casa. Em suas palavras: “Engoli correndo a sopa e o pão preto que tinham substituído o chocolate e os brioques de antes da guerra e esperei com impaciência que mamãe terminasse de vestir minhas irmãs” (Beauvoir, 2021, p. 18). Mais adiante, na narrativa, Sylvie destaca outra mudança significativa em sua rotina: a família precisava mudar-se para outra residência. Sobre esse fato, assim descreve a narradora: “No ano seguinte meus pais saíram do apartamento em boulevard Montparnasse e mudaram-se para rua Cassette, numa moradia pequena onde não tive mais um só canto para mim” (Beauvoir, 2021, p. 32).

Em outro polo social, a família de Andrée, inserida na burguesia católica, consegue manter seu padrão de vida elevado e oferecia sua casa para que Sylvie pudesse estudar confortavelmente. Ao se referir à família de Andrée, a narradora ressalta o valor do senhor e da senhora Gallard:

O senhor Gallard havia feito Escola Politécnica, gozava de boa situação em Citroen, presidia a Liga dos Pais de Famílias Numerosas; a esposa, nascida em Rivière de Bonneuil, pertencia a uma grande dinastia de católicos militantes e era extremamente respeitada pelos paroquianos de Santo Tomás de Aquino (Beauvoir, 2021, p.22).

As diferenças entre as famílias das inseparáveis rapidamente são traçadas à medida que a religiosidade entra em cena. Assim, enquanto Andrée é cercada de crenças e obrigações religiosas, Sylvie não possui esse tipo de devoção em sua casa. A narradora explicita essa diferença na passagem a seguir:

Meu pai nunca ia à missa e sorria quando falavam diante dele dos milagres de Lourdes: eu já o ouvira dizer que só tinha uma religião: o amor à França. [...] O senhor Gallard, ao contrário, comungava todo domingo em família, usava barba comprida, lornhões, e nas horas vagas cuidava de obras sociais (Beauvoir, 2021, p. 25).

Por essa razão, apesar de usufruir dos privilégios de sua alta classe social, Andrée consegue, a custo, entrar em uma universidade após muita relutância de sua mãe; contudo, os afazeres da casa e as obrigações sociais a impedem de ter privacidade e tempo para se dedicar aos estudos. Além disso, em uma das conversas entre Sylvie e Andrée, torna-se evidente que não existia perspectiva da família de Andrée lhe permitir exercer sua profissão, sendo seu casamento uma prioridade maior. É o que é destacado no trecho abaixo:

— Acha mesmo impossível que lhe permitam prestar o concurso para docência superior? — Impossível — disse Andrée. — No ano que vem, ocupo o lugar de Malou. — E sua mãe vai tentar casá-la? Andrée deu uma risada breve. — Acho que isso já começou (Beauvoir, 2021, p.71).

Nesta ocasião, Malou, irmã mais velha de Andrée, havia sido pedida em casamento, indicando que a irmã mais jovem deveria ser a próxima na busca de um pretendente para atender as expectativas de sua mãe. Logo após a conversa supracitada, a narradora revela o controle que a religião possuía na vida de Andrée, tendo suas leituras constantemente criticadas por sua mãe, que “condenava sem apelação aqueles (livros) que acusava de desnaturar a fé e a moral católicas. Se quiser se instruir sobre religião, leia os Pais da Igreja, dizia quando via nas mãos de Andrée autores como Claudel, Mauriac ou Bernanos” (Beauvoir, 2021, p.72). Os autores desaprovados pela senhora Gallard, apesar de todos serem católicos, possuíam obras de caráter mais liberal e com temas que questionavam a religiosidade. De acordo com Maher (2019, p. 3), embora Claudel e Bernanos sejam vistos como católicos tradicionalistas, Mauriac se destaca por escrever sobre personagens que não se sentem bem em sua própria pele, o que mais tarde se revelou condizente com suas dificuldades pessoais lidando com sua homossexualidade.

Apesar de resistir às críticas que a senhora Gallard direcionava às suas leituras e a amizade com Sylvie, Andrée compensa seus comportamentos usando todo o tempo que possuía para atender os pedidos da mãe, abdicando de suas atividades de lazer e reservando pouco tempo para seus estudos. Sobre esse ponto, assim comenta a narradora:

Mas, para ter perdão pelos estudos, pelas leituras, por nossa amizade, aplicava-se a cumprir de maneira irrepreensível aquilo que a senhora Gallard chamava de deveres sociais. Por isso tinha dor de cabeça com tanta frequência; mal encontrava algum tempo para o violino; ao estudo conseguia dedicar praticamente apenas as noites e, embora tivesse muita facilidade, não dormia o suficiente (Beauvoir, 2021, p.72).

Diante dessa representação social, entendemos que, apesar das conquistas e oportunidades para emancipação das mulheres no século XX, nem toda mulher possuía a chance de conseguir se emancipar. Ainda existia uma parcela de meninas que, sufocadas pelos dogmas religiosos de famílias rigorosamente patriarcais, nunca puderam exercer sua sonhada independência, sendo assombradas por uma inalcançável representação de mulher submissa e condescendente, tão bem definida no arquétipo social de “Anjo do lar”.

A figura do Anjo do lar surge pela primeira vez através do poema *The angel in the house*, de Coventry Patmore (2011), que representava a imagem vitoriana da mulher/esposa ideal. No entanto, Virginia Woolf, em seu ensaio *Profissões para mulheres*, resgata essa figura como um fantasma que atrapalhava e atormentava sua pessoa sempre que ela tentava escrever. Segundo a descrição de Woolf, o anjo do lar se caracterizava da seguinte maneira:

Eu vou descrevê-la com a maior concisão possível. Era a figura de uma mulher intensamente compreensiva. Ela era imensamente encantadora. Ela era de uma generosidade espantosa. Ela se destacava na difícil arte da vida familiar. Ela se sacrificava dia após dia. Quando se havia frango, comia a asa; se tinha uma corrente de ar, ela se sentava diante dela — em suma, era tão composta, que jamais tinha um pensamento ou um desejo próprio; ao contrário, sempre preferia simpatizar com os pensamentos e desejos alheios (Woolf, 2021, p. 90).

O fantasma do anjo do lar, quando não combatido, se torna uma sombra constante durante o processo de emancipação feminina. Woolf, em seu ensaio supracitado, apesar de ser continuamente atormentada, consegue enfrentar o fantasma para sobreviver. Em suas palavras “Fiz o impossível para a matar. Meu álibi, se tivesse que enfrentar um tribunal, seria o de que agi em legítima defesa. Se não a tivesse matado, ela me mataria” (Woolf, 2021, p. 91).

No romance *As inseparáveis*, Andrée, igualmente cativa da sombra do anjo do lar, diferentemente de Woolf, não consegue dar um fim a esse fantasma. O constante dever de atender às funções da casa a impedia de focar em seus estudos, assim como impossibilitava seu

acesso à arte, seu violino. Nesta parte de nosso trabalho, destacamos as razões palpáveis pelas quais Sylvie conseguiu sua emancipação, enquanto Andrée sucumbe à brancura que a cercava.

A primeira razão para o fracasso de Andrée em sua emancipação seria a sombra do anjo do lar, que a forçava a atender as expectativas da figura feminina ideal para a sociedade patriarcal da época. Uma das características associadas ao Anjo do lar e compartilhada por Andrée é a complacência, ela sempre se colocava em segundo plano para atender as necessidades das outras pessoas da família. Em determinada cena do romance, Sylvie relata que Andrée “sempre tinha outra coisa para fazer; a mãe a sobrecarregava de tarefas de que ela se desincumbia com um zelo de penitente; teimava em adorar a mãe e, se estava resignada a desobedecer-lhe em certos pontos, era porque a isso tinha sido obrigada” (Beauvoir, 2021, p. 72).

A segunda razão, diretamente ligada à primeira, se encontra na família de Andrée. Sylvie deixa clara a diferença entre sua família e a de Andrée em relação aos deveres e prioridades das filhas. Em determinado momento do romance, Sylvie expressa essa divergência ao falar que “Muitas vezes, egoisticamente, eu me sentia feliz porque os bolcheviques e a maldade da vida tinham arruinado meu pai: eu era obrigada a trabalhar, os problemas que atormentavam Andrée não me atingiam” (Beauvoir, 2021, p. 71).

Enquanto Sylvie sempre fora cercada de livros, acompanhando as leituras de seu pai, Andrée ocupava-se com os deveres da casa. É relevante apontar o fato de que Sylvie, por muito tempo, desconhecia essa realidade de sua amiga, e choca-se ao ver o comportamento de Andrée durante um jantar familiar. Em uma das refeições conjuntas, Sylvie surpreende-se ao presenciar um debate acerca de uma crônica sobre o sufrágio feminino; sobretudo, percebe que a única preocupação dos Gallard era como a igreja católica poderia ser afetada por essas reivindicações. A seguir, a descrição da narradora sobre a ocasião apontada:

O irmão mais velho vestia batina, tinha acabado de entrar no seminário. Levava a diante, com Malou e o senhor Gallard, uma discussão que parecia crônica sobre o sufrágio feminino; sim, era escandaloso que uma mãe de família tivesse menos direitos que um operário bêbado, mas o senhor Gallard objetava que, entre os operários, as mulheres são mais vermelhas que os homens; afinal de contas, se a lei fosse aprovada, seria útil aos inimigos da igreja. Andrée não dizia nada (Beauvoir, 2021, p.48).

Ao presenciar o silêncio de Andrée diante da discussão, Sylvie toma consciência do ambiente em que sua amiga vivia, e chega a comparar a casa da família Gallard com uma prisão. Nas palavras da narradora-personagem: “Muitas vezes eu tinha invejado a independência de Andrée; de repente ela me pareceu muito menos livre que eu. Havia aquele passado atrás dela; ao redor, aquela grande casa, aquela vasta família: uma prisão, cujas saídas eram cuidadosamente guardadas” (Beauvoir, 2021, p. 48). A partir deste momento, Sylvie passa a ver de perto a opressão sofrida por Andrée, que se agrava ainda mais quando elas ingressam na universidade.

No livro *Um teto todo seu*, Virginia Woolf apresenta suas considerações acerca do que seria preciso para que uma mulher pudesse escrever ficção em meados do século XIX e XX. Segundo a autora, era essencial que a mulher possuísse dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, privacidade para exercer sua escrita (Woolf, 2014). Levando em conta o que apresenta Woolf, podemos analisar o que é posto no romance de Beauvoir quanto à posição de Andrée como o feminino preso a um padrão social. Tal ponto destacado por Virgínia explicitará a próxima razão pela qual Andrée não conseguiu sua emancipação.

A terceira razão possível para explicar o porquê de Andrée não ter conseguido se emancipar é a falta de privacidade e de tempo para seus estudos. O preço que pagou para conseguir entrar na universidade e manter sua amizade com Sylvie foi o de cumprir

diligentemente os deveres sociais impostos por sua mãe (Beauvoir, 2021). Sylvie inclusive usa o termo “braceletezinho de escrava” para descrever o relógio que sempre marcava os compromissos obrigatórios de Andrée, o que conseqüentemente afetava seu desempenho nos estudos. A narradora ainda explicita que a sobrecarga de tarefas chegava a afetar a saúde de Andrée: “Por isso tinha dor de cabeça com tanta frequência; mal encontrava algum tempo no dia para o violino; ao estudo conseguia dedicar praticamente apenas as noites e, embora tivesse muita facilidade, não dormia o suficiente” (Beauvoir, 2021, p.72).

É possível, ainda, destacar uma quarta razão para explicar o porquê de Andrée não ter alcançado sua emancipação: a pressão religiosa que estava presente em cada decisão tomada por ela. No início da narrativa, Andrée é descrita como uma criança ousada e destemida, mas que possuía amor profundo pela religião. Sylvie descreve que sua amiga “era muito religiosa. [...] contudo, não abria mão de sua liberdade e das alegrias deste mundo” (Beauvoir, 2021, p. 33). No entanto, conforme Andrée envelhecia, a religião passou a ter um peso maior em suas escolhas. Ao final do primeiro capítulo, Andrée revela não ter medo de morrer, mas sim temer o inferno, mostrando que ela teme o castigo de não ter seguido os preceitos religiosos a ela impostos: “— De qualquer modo, tive medo. Ah! Não de morrer; ao contrário, gostaria tanto de estar morta, mas medo do inferno. Se eu for para o inferno, acabou para toda a eternidade” (Beauvoir, 2021, p.52).

Durante o segundo capítulo, Sylvie passa a descrever a religiosidade de Andrée como uma obrigação imposta pela mãe. Assim, em determinada passagem do romance, momento em que Sylvie e Andrée dividem um banco de igreja, a narradora elabora a seguinte reflexão: “Andrée falava com Deus: com que palavras? Não devia ter relações simples com ele, eu tinha certeza de uma coisa: ela não conseguia se convencer de que ele era bom; no entanto, não queria desagradá-lo e tentava amá-lo” (Beauvoir, 2021, p. 92). Ainda nesta passagem, Sylvie inclusive associa a mãe de Andrée diretamente a Deus, igualando a influência de ambos na vida de sua amiga:

Mesmo quando se limitava a considerar o aspecto terreno das coisas, Andrée levava terrivelmente a sério o que acontecia ao seu redor; como poderia deixar de ser tomada pela angústia quando encarava sua vida pela misteriosa luz do mundo sobrenatural? Enfrentar sua mãe talvez fosse revoltar-se contra Deus: mas, submetendo-se a ela, talvez se mostrasse indigna das graças que recebera. [...] nossa conversa noturna me mostrava que ela estava prestes a cair. Sem dúvida não era na igreja que encontrava a paz no coração (Beauvoir, 2021, p. 93).

No final de sua vida, Andrée aos poucos parece se desvincular da obediência cega, quando tenta desesperadamente casar-se com Pascal, rapaz que havia conhecido na universidade através de Sylvie. Logo, a sombra do anjo do lar ainda a perseguiu na tentativa de sair de casa através do casamento. Em sua súplica para ter a aprovação do pai de Pascal, Andrée expressa, não voluntariamente, possuir as principais características de um Anjo do lar, pois suas únicas reivindicações ao final da vida foram as de ter ao seu lado Sylvie, o violino e Pascal: “— Sei cuidar de uma casa – disse Andrée. – Pascal não vai sentir falta de nada. E não sou de vida em sociedade. Se tiver tempo para estudar violino e ver Sylvie, não peço nada mais” (Beauvoir, 2021, p.124). Porém, suas tentativas foram frustradas. Embora tenha investido em uma união amorosa, essa possibilidade de fuga lhe foi negada. Sem dinheiro, pois não lhe era permitido trabalhar, nem espaço e tempo para dedicar-se aos estudos, Andrée não conseguiu alcançar sua plena independência devido às circunstâncias sociais que impediam a mulher de se emancipar. Devido ao acúmulo de tarefas, uma doença desconhecida que lhe enfraquecia pouco a pouco e a constante pressão social, Andrée é consumida pela “brancura” e falece antes de completar seus 22 anos.

É importante reforçar que Andrée possuía boa classe social, e mesmo desfrutando dos privilégios de uma burguesia católica, não conseguiu obter sua independência. A realidade de muitas mulheres da época não lhes permitia compartilhar dos mesmos recursos que a família de Andrée possuía, como a possibilidade de acesso à universidade, por exemplo. Diante disso, refletir sobre a morte precoce de Andrée, que era abastada socialmente, nos faz imaginar um considerável número de pessoas que partilharam do seu mesmo fim, mas que não tiveram a oportunidade de conhecer uma Sylvie para que a memória de sua vida fosse registrada na literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar o romance a partir de seu caráter autobiográfico, considerando os aspectos ficcionais e verídicos para construir uma pesquisa coerente e condizente com o conteúdo da obra analisada. Com isso, foi possível trazer alusões acerca das primeiras noções de autobiografia e como a função de registrar momentos se torna maior à medida que possibilita a eternização de um ente querido, de uma amizade marcante.

Da mesma forma, foi destacada a função de denúncia social presente no romance. Na tentativa de manter viva a memória de Elizabeth Lacoïn, Simone de Beauvoir manifesta sua insatisfação com a sociedade hipócrita e fanática que ceifou a vida de sua amiga. Através disso, o artigo buscou trazer uma visão acerca da emancipação feminina no século XX, época em que o romance é ambientado, abordando os movimentos que levaram a reivindicação do direito ao voto e como o contexto bélico afetou famílias de classe média, tornando possível que algumas mulheres da época pudessem estudar para trabalhar. A pesquisa ainda trouxe a figura do Anjo do lar, usando considerações de Virginia Woolf para discutir possíveis razões para que uma personagem da obra não tivesse conseguido sua emancipação, destacando a sombra de representar um ideal feminino que lhe era imposto, a opressão religiosa dentro de casa e a falta de privacidade e tempo para dedicar aos estudos.

Por fim, entendemos que o romance *As inseparáveis* possui valor não apenas afetivo para Simone de Beauvoir, mas também possibilita inúmeras discussões dado o recorte histórico em que está inserido. Apesar de inicialmente ser escrito para manter viva a memória de sua melhor amiga, o romance dá voz a uma parcela de mulheres que geralmente são esquecidas quando a emancipação feminina é posta em pauta. Analisando a obra, refletimos acerca da situação de Andrée, uma mulher de classe alta, que, mesmo com privilégios, teve sua vida perdida precocemente pela pressão social. A partir disso, a análise abriu caminho para considerar o fato de que não existe dimensão de quantas outras mulheres foram apagadas das lutas feministas por não disporem de uma inseparável que pudesse escrever sobre elas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luisa; MACEDO, Ana Gabriela. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALDWIN, James. Doom and glory of knowing who you are. [Entrevista concedida a] Jane Howard. **Life Magazine**, may 24, 1963. p. 86B-91.

BEAUVOIR, Simone de. **As inseparáveis**. Tradução de Ivone Benedetti. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BÊCHE. In: **Cambridge Dictionary, Cambridge University Press & Assesment**, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/french-english/beche?q=b%C3%A4che>. Acesso em: 05 jul. 2023.

BONNET, Annabelle. Simone de Beauvoir: caminhos para a emancipação. Anãnsi. **Revista de Filosofia**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 113-122, 2021.

BOSCO, Gabriela. Les inséparables” di Simone de Beauvoir: un interessante errore di lettura, **Studi Francesi** [Online], 193 (LXV | I), p. 165-170, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/studifrancesi/43314> Acesso em: 05 jul. 2023.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Autobiografias de Simone de Beauvoir: Sujeito, Identidade e Alteridade**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COSTA, B. K.; SATO, D. K.. Viral encephalitis: a practical review on diagnostic approach and treatment. **Jornal de Pediatria**, v. 96, p. 12-19, mar. 2020.

FOUCALT, Michel. A escrita de si. In: FOUCALT, Michel. **O que é um autor**. 4ª ed. Vega: Passagens, 2002. p. 129-160.

HOBSBAWM, Eric. A nova mulher. In: HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

MAHER, Eamon. Bernanos, Claudel, Mauriac and Maritain: a quartet not always full of Christian charity ‘A Catholic has no allies. He only has brothers’: letters shed light on four leading French writers. In: **The Irish Times**. Fri, Aug 2, 2019. Disponível em: <https://arrow.tudublin.ie/ittbus/147/>. Acesso em: 10 set. 2023.

PILLAR, Eduarda. As fronteiras entre o romance e a autobiografia de Simone de Beauvoir: uma análise sob a perspectiva da liberdade. **Revista Miquel**, v. 4, n. 4, p. 108-123, 2021.

SOUSA, Erika Maria Albuquerque; CÂMARA, Yls Rabelo; MORAIS, Solange Santana Guimarães. Autobiografia, patriarcalismo e emancipação feminina na obra *As inseparáveis*, de Simone de Beauvoir. Miguilim – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 12, n. 1, p. 94-109, jan.-abr. 2023.

TEIXEIRA, A. A Berta que deu o nome aos canhões. **Herdeiros do Aécio**, [S.l.], 23 fev. 2008. Disponível em: <http://herdeirodeaecio.blogspot.com/2008/02/berta-que-deu-o-nome-aos-canhes.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros ensaios**. Tradução e organização por Wagner Schadeck. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sustentado cada passo trilhado durante a graduação, sempre me fortalecendo nas horas mais desafiadoras.

Aos meus pais, Ana Lúcia e Roberto, responsáveis por terem me criado rodeada de literatura, os livros deixaram meus dias mais claros e a vida mais leve.

A minha irmã, Richelle, por ser minha maior incentivadora e inspiração, meu apoio e exemplo de figura feminina forte e resiliente.

A minha melhor amiga, Jarbelly, por estar presente e me apoiar em cada etapa da minha vida desde o ensino fundamental.

Aos meus amigos do Ensino Médio que me acompanharam quando entrei na universidade e ainda se fazem presentes nessa reta final. A Jeff e Rafa, sou imensamente grata por tanto amor e acolhimento. A Haddison, colega de campus e das Letras, agradeço pelas conversas e risadas.

As minhas queridas amigas e colegas de turma, Joscielen, Milena e Brunna, vocês fizeram a graduação ser ainda mais significativa para mim.

Ao meu orientador, José Vilian Manguiera, por ter aceitado me orientar e pelos inestimáveis ensinamentos, suas aulas me encantaram e aumentaram ainda mais meu amor pela literatura.

A banca maravilhosa que aceitou fazer parte deste momento, professora Clara e Aline, sou grata pela atenção e gentileza na avaliação meu trabalho.

A cada pessoa que contribuiu para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.